OS DONS NÃO CESSARAM

Uma avaliação exegético-teológica dos argumentos cessacionistas em 1Coríntios 13.8-13 e Atos 2.16-21

André Luís de Souza Carvalho[1]

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.22822702

RESUMO

O artigo examina os principais argumentos empregados pela tradição cessacionista para sustentar o encerramento dos dons espirituais descritos no Novo Testamento. O objetivo é verificar se a exegese que identifica "o que é perfeito" (1Co 13.10) com o fechamento do cânon e a que restringe a manifestação dos carismas à era apostólica encontram apoio no texto bíblico e na literatura produzida pelos próprios autores não pentecostais. A pesquisa é bibliográfica, de natureza qualitativa, com abordagem exegético-teológica, e constituiu seu corpus a partir de três comentários de referência a 1Coríntios, pertencentes a tradições confessionais distintas, e de três obras representativas do debate contemporâneo sobre a continuidade dos dons. Os resultados indicam que a identificação do "perfeito" com o cânon concluído não se sustenta no encadeamento do capítulo nem é endossada pelos intérpretes mais influentes da tradição reformada, que situam a cessação no horizonte escatológico; indicam também que os carismas nunca foram exclusividade do colégio apostólico, conforme Atos 1.15 e 2.4, e que a fórmula "nos últimos dias", de Atos 2.17, abrange todo o tempo que antecede a consumação do Reino. Conclui-se que os argumentos analisados derivam de pressupostos teológicos anteriores ao texto e não da exegese das passagens invocadas, permanecendo a Igreja, em sua natureza carismática, revestida do poder do Espírito até a vinda de Cristo.

Palavras-chave: Cessacionismo; Dons espirituais; 1Coríntios 13; Pentecostalismo; Escatologia.

ABSTRACT

THE GIFTS HAVE NOT CEASED: an exegetical-theological assessment of cessationist arguments in 1 Corinthians 13:8-13 and Acts 2:16-21

This article examines the main arguments used by the cessationist tradition to support the end of the spiritual gifts described in the New Testament. The aim is to verify whether the exegesis that identifies "that which is perfect" (1 Cor 13:10) with the closing of the canon, and the one that restricts the manifestation of the charismata to the apostolic age, find support in the biblical text and in the literature produced by non-Pentecostal authors themselves. The research is bibliographical and qualitative, with an exegetical-theological approach, and its corpus was built from three reference commentaries on 1 Corinthians, belonging to distinct confessional traditions, and from three representative works of the contemporary debate on the continuation

[1] Pastor. Mestrando em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Master em Teologia pela FAETEO. Bacharel em Teologia pela UNIGRANRIO. Professor de Teologia Sistemática, Bíblica e Pública. Escritor e consultor literário. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/4528626266226665. E-mail: mestreandreluis@icloud.com

of the gifts. The results indicate that the identification of "the perfect" with the completed canon is not sustained by the sequence of the chapter, nor is it endorsed by the most influential interpreters of the Reformed tradition, who place the cessation within an eschatological horizon; they also indicate that the charismata were never the exclusive possession of the apostolic college, as Acts 1:15 and 2:4 show, and that the formula "in the last days", in Acts 2:17, covers the whole time preceding the consummation of the Kingdom. It is concluded that the arguments analysed derive from theological presuppositions prior to the text, and not from the exegesis of the passages invoked, so that the Church, in its charismatic nature, remains clothed with the power of the Spirit until the coming of Christ.

Keywords: Cessationism; Spiritual gifts; 1 Corinthians 13; Pentecostalism; Eschatology.

Como citar este artigo

CARVALHO, André Luís de Souza. Os dons não cessaram: uma avaliação exegético-teológica dos argumentos cessacionistas em 1Coríntios 13.8-13 e Atos 2.16-21. *Acadêmicos Pentecostais*, 2026. DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.22822702.

1 INTRODUÇÃO

A controvérsia a respeito da permanência dos dons espirituais acompanha a história do cristianismo ocidental e ganhou contornos novos no século XX, com o surgimento e a expansão do movimento pentecostal e, mais tarde, da renovação carismática. De um lado está a convicção de que as manifestações descritas em 1Coríntios 12—14 e narradas em Atos pertencem à vida ordinária da Igreja em todos os tempos. De outro está a tese cessacionista, segundo a qual tais manifestações cumpriram uma função delimitada na fundação da Igreja e se encerraram junto com ela.

Em resumo, o cessacionismo argumenta que os dons espirituais, conforme descritos no Novo Testamento, não são mais necessários e teriam cessado. Essa visão se apoia na hermenêutica de partes específicas das Escrituras e na observação histórica da Igreja, concluindo que os dons foram restritos a um período inicial de confirmação da mensagem cristã e que, cumprido esse propósito, não seriam mais necessários.

O problema que orienta este artigo pode ser enunciado da seguinte forma: os argumentos correntes em favor da cessação dos dons resistem ao exame das passagens bíblicas que supostamente os sustentam? A tese aqui defendida é que não resistem. Sustenta-se que os dois argumentos mais difundidos — o do fechamento do cânon, extraído de 1Coríntios 13.10, e o da limitação dos carismas à era apostólica — repousam sobre pressupostos teológicos anteriores ao texto, e não sobre a exegese dele. Mais do que isso: sustenta-se que essa leitura não encontra eco nem mesmo na melhor literatura produzida pela tradição que a defende.

A relevância da discussão não é apenas acadêmica. No Brasil e na América Latina, a controvérsia tem efeitos pastorais concretos, sobretudo pela circulação de material apologético dirigido contra as igrejas pentecostais e pela pressão exercida sobre a juventude dessas comunidades. Uma avaliação serena dos argumentos, feita com as ferramentas da exegese e em diálogo com autores das duas tradições, presta serviço tanto ao debate teológico quanto à formação eclesial.

Quanto ao percurso metodológico, trata-se de pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, com abordagem exegético-teológica. O corpus foi constituído por três comentários de referência a 1Coríntios, escolhidos justamente pela diversidade das tradições a que pertencem: o de William Barclay, ministro da Igreja da Escócia; o de João Calvino, reformador de Genebra, frequentemente invocado como autoridade pelos cessacionistas; e o de Gordon Fee, exegeta pentecostal. A esses foram acrescentadas três obras representativas do debate contemporâneo sobre a continuidade dos carismas, de autoria de Jack Deere, Douglas Oss e Robert Rothwell. O critério de inclusão foi a existência de tratamento direto das passagens analisadas; o critério de exclusão foi a impossibilidade de verificar a referência bibliográfica completa da obra, razão pela qual nenhuma fonte de localização incerta foi mantida no texto final.

As citações bíblicas seguem a tradução de João Ferreira de Almeida, edição Revista e Corrigida, publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil. Quando o argumento depende do vocabulário original, indica-se o termo grego transliterado entre parênteses. As citações de obras sem paginação na edição consultada são localizadas pelo trecho comentado, conforme permitido pela NBR 10520:2023.

O artigo está organizado em três movimentos. A seção seguinte delimita o conceito de cessacionismo e descreve o modo como ele costuma ser mobilizado contra o pentecostalismo. A terceira seção examina o argumento do fechamento do cânon a partir de 1Coríntios 13.8-13, confrontando-o com os comentários de Barclay, Calvino e Fee. A quarta seção trata da suposta cessação gradual dos dons e do argumento da era apostólica, discutindo Atos 1.15, Atos 2.4 e a moldura escatológica de Atos 2.16-21. As considerações finais retomam o problema, reconhecem os limites do estudo e apontam uma agenda de investigação.

2 O CESSACIONISMO E SEU ALCANCE POLÊMICO

Os cessacionistas não se limitam a ensinar sua doutrina da cessação dos dons; muitas vezes fazem também apologética contra o pentecostalismo. Seus representantes mais radicais

tratam o pentecostalismo clássico e os demais pentecostalismos como heréticos. Há até mesmo certo proselitismo por parte de algumas lideranças, bem como aliciamento, ou tentativa de aliciamento, em relação à juventude pentecostal, promovidos a partir da tradição evangélica cessacionista.

Convém registrar, contudo, que o cessacionismo não é um bloco homogêneo[2]. Entre a posição que nega toda operação extraordinária do Espírito após o primeiro século e a posição de quem apenas se mostra cauteloso diante das manifestações contemporâneas existe uma faixa ampla de matizes. Reconhecer essa variedade é exigência de honestidade intelectual e, ao mesmo tempo, condição para que a crítica atinja os argumentos de fato sustentados, e não caricaturas deles. Por essa razão, as páginas seguintes discutem formulações efetivamente publicadas por autores cessacionistas, e não versões populares e simplificadas de sua doutrina.

Neste artigo, analisaremos alguns desses argumentos, começando por aquele que, no ambiente brasileiro, mais circula em púlpitos, redes sociais e manuais de doutrina: o que identifica "o que é perfeito", em 1Coríntios 13.10, com a conclusão do cânon das Escrituras.

3 OS DONS CESSARAM COM O FECHAMENTO DO CÂNON?

O ponto de partida é o próprio texto paulino:

> O amor nunca falha; mas, havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá; porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos; mas, quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado. (1Co 13.8-10)

Um dos textos mais utilizados para tentar comprovar a suposta cessação dos dons é justamente 1Coríntios 13.10. Na compreensão desses exegetas antissobrenaturalistas, "o que é perfeito" (τὸ τέλειον, to teleion) refere-se à Bíblia; assim, com o fechamento do cânon, o Espírito Santo teria cessado a concessão dos dons.

3.1 O que Paulo está de fato argumentando

Paulo está comparando o amor com os dons do Espírito e afirmando que o amor é mais importante do que as manifestações dos dons espirituais, porque o amor de Deus aos homens, bem como o nosso amor pelos irmãos e pela sociedade, é a causa dos dons. O apóstolo já havia

[2] Entende-se por proselitismo a ação ou o empenho de converter uma ou várias pessoas em prol de determinada causa, doutrina, ideologia ou religião.

afirmado que, ainda que falássemos a língua dos anjos, tivéssemos toda a ciência e todo o conhecimento e realizássemos sacrifícios até o martírio, essas coisas, sem amor, nada seriam.

O amor de Deus é a origem e a motivação dos dons. Além disso, enquanto as profecias devem ser julgadas quanto à sua procedência divina e o conhecimento permanece parcial e limitado, o amor nunca falha. Ele é o caminho mais excelente e, enquanto os dons possuem validade temporal, o amor jamais acaba. De fato, o texto ensina que línguas e profecias cessarão. A questão decisiva é outra: quando? Interpretar "o que é perfeito" como a conclusão do texto bíblico é uma leitura profundamente problemática.

O sujeito da expressão "quando vier", conforme o próprio texto indica, aponta para a consumação plena: o Cristo, o Reino de Deus. Quando o Reino for plenamente manifestado, não haverá necessidade de ciência, línguas, profecias ou cura divina. O apóstolo prossegue afirmando: "Porque agora vemos por espelho, em enigma; mas, então, veremos face a face; agora conheço em parte, mas, então, conhecerei como também sou conhecido" (1Co 13.12). Vemos e conhecemos a Deus como por meio de um espelho, mas o veremos face a face. O amor permanece porque, como disse João, "Deus é amor". Quando chegar o tempo da plena manifestação do Reino, as profecias e as línguas não serão necessárias. Contudo, enquanto esse tempo não chega, elas permanecem, ainda que não sejam mais importantes do que amar a Deus e ao próximo.

Note-se que o próprio encadeamento dos versículos 11 e 12 não admite a leitura canônica. A passagem da infância à maturidade e a passagem do espelho para a visão "face a face" descrevem uma mudança de estado do sujeito que conhece, não a substituição de um meio de revelação por outro. Nenhum leitor, por mais familiarizado que esteja com as Escrituras, afirmaria que hoje conhece a Deus "como também é conhecido". Como, então, interpretar "o que é perfeito" como a Bíblia nesse texto, senão por uma predisposição em negar o pentecostalismo?

3.2 A inconsistência interna da leitura canônica

Se tal interpretação fosse coerente, seria necessário afirmar também que a ciência cessou, pois o apóstolo declara: "havendo ciência, desaparecerá". Observa-se, contudo, o desaparecimento da ciência, ainda que esta seja compreendida como conhecimento teológico parcial? Evidentemente, não.

Os próprios cessacionistas produzem ciência bíblica, livros e conhecimento teológico em quantidade considerável. Portanto, parte do versículo se aplicaria ao presente e parte não?

Uma análise cuidadosa demonstra o quanto essa interpretação se mostra frágil e tendenciosa, pois exige que o mesmo verbo, aplicado a três objetos na mesma sentença, produza efeitos cronológicos distintos. Não fiquemos, porém, apenas nesta explicação introdutória; consideremos o que teólogos de reconhecida reputação, tanto pentecostais quanto não pentecostais, afirmam sobre a passagem.

3.3 O testemunho de intérpretes não pentecostais

William Barclay, ao comentar 1Coríntios 13.8-13, sustenta que Paulo ressalta ali dois aspectos centrais do amor cristão. O primeiro é a sua permanência absoluta: quando tiverem passado todas as coisas de que os homens se vangloriam, o amor prevalecerá, conforme a imagem do Cântico dos Cânticos, segundo a qual as muitas águas não podem apagar o amor, nem os rios afogá-lo (Ct 8.7). O segundo é a sua integridade absoluta: nesta vida vemos apenas reflexos de Deus e convivemos com muito daquilo que permanece mistério e enigma; ainda que em Cristo tenhamos a revelação perfeita, nossa mente só a apreende em parte, porque o finito jamais abrange o infinito. No fim, removido o véu, veremos face a face e conheceremos como somos conhecidos (Barclay, 1997).

O dado relevante para o nosso argumento é o seguinte: Barclay não era pentecostal nem carismático, mas ministro da Igreja da Escócia e exegeta criterioso, e não enxergou nessa passagem nenhuma alusão à cessação dos dons, muito menos vinculada ao fechamento do cânon. Sua leitura é integralmente escatológica.

Calvino, em seu comentário à Primeira Carta aos Coríntios, também não defende a ideia de que a Bíblia seja “o que é perfeito” e de que, por isso, os dons teriam cessado[3]. Ou seja, neste ponto alguns calvinistas parecem discordar de Calvino. Diz assim o reformador de Genebra:

> Quando a meta houver sido alcançada, então os auxílios da corrida serão abolidos. Ele mantém, contudo, a forma de expressão que já havia empregado, ao contrapor a perfeição àquilo que é em parte. “A perfeição”, diz ele, “quando chegar, porá fim a tudo quanto socorre a imperfeição”. Mas quando virá essa perfeição? Ela começa, na verdade, na morte, pois então nos despimos, juntamente com o corpo, de muitas fraquezas; ela, porém, não se manifestará completamente até o dia do juízo, como ouviremos em seguida. Daí inferimos que toda esta discussão é ignorantemente aplicada ao tempo intermediário. (Calvino, 1546, comentário a 1Co 13.10, tradução nossa)

[3] A edição consultada é a tradução inglesa de John Pringle, disponibilizada em formato digital pela Christian Classics Ethereal Library, que não apresenta paginação fixa. Por essa razão, a citação é localizada pelo trecho comentado, conforme faculta a NBR 10520:2023.

A última frase merece atenção, porque nela Calvino antecipa e recusa precisamente o uso que dele se faria séculos depois. Aplicar a discussão de 1Coríntios 13 ao "tempo intermediário", isto é, ao período que vai da ascensão de Cristo ao juízo final, é, para o reformador, um equívoco de leitura. O cessacionismo do fechamento do cânon faz exatamente isso.

3.4 A leitura escatológica de Gordon Fee

Do lado pentecostal, Gordon Fee chega ao mesmo horizonte interpretativo por caminho exegético próprio. Comentando o encadeamento do capítulo, ele observa:

> Agora, após a precedente descrição poética do amor, ele conclui o presente argumento com mais uma série de contrastes: o amor é o caminho acima de qualquer comparação, porque, em contraste com os dons, que funcionam apenas no âmbito de nossa presente existência escatológica, o amor caracteriza nossa existência tanto agora quanto para sempre. Paulo não está condenando os dons; está relativizando-os, colocando-os em perspectiva escatológica. Os dons propriamente ditos não pertencem ao futuro, mas apenas ao presente. Essas manifestações/dons passarão (v. 8a); eles são "em parte" (v. 9, "parciais"); são como a infância em comparação com a idade adulta (v. 11); são como ver um reflexo no espelho, em comparação com ver alguém face a face (v. 12). (Fee, 2019, p. 811)

Sobre a identificação daquilo que Paulo tem em vista ao dizer "quando vier o que é perfeito", o mesmo autor explica:

> Na vinda de Cristo, o propósito final da obra salvadora de Deus em Cristo terá sido alcançado; a essa altura, os dons agora necessários para a edificação da igreja na era presente desaparecerão, porque a "completude" terá chegado. Para citar a maravilhosa ilustração de Barth: "Porque o sol nasce, todas as luzes são apagadas". A capacitação com os dons do Espírito é apropriada, por analogia, à vida atual da igreja, especialmente porque, na perspectiva de Paulo, eles são a operação ativa do Espírito na vida coletiva da igreja. Por outro lado, esses "dons" são igualmente inapropriados para a existência final da igreja, porque, conforme ele passará a raciocinar, então "conhecerei plenamente, da mesma maneira que sou plenamente conhecido" (v. 12). Daí o contraste implícito com o amor, que nunca findará. O amor não elimina os dons no presente; em vez disso, ele é absolutamente essencial à vida cristã, tanto agora quanto para sempre. Por outro lado, os dons/manifestações não são para sempre; eles ajudam a edificar o corpo na assembleia reunida do povo de Deus — mas só no presente, quando tal edificação é necessária. (Fee, 2019, p. 811-812)

Perceba-se que tanto o intérprete de tradição reformada quanto o pentecostal situam o momento da cessação dos dons numa perspectiva escatológica, que é a perspectiva clara do texto. Os dons cessam quando Cristo vier, quando o Reino vier, e não quando a Bíblia foi completada. Vale observar que essa convergência ocorre entre autores separados por quatro séculos, por confissões distintas e por métodos exegéticos diferentes, o que reduz consideravelmente a plausibilidade da leitura canônica.

3.5 Um anacronismo de fundo

Resta ainda uma dificuldade histórica que a leitura canônica não consegue resolver. A ideia de que a Bíblia substitui os dons e os milagres é insustentável, pois, para os primeiros cristãos, as Escrituras eram o Antigo Testamento, já que o Novo Testamento estava em formação e não resultou de um projeto previamente planejado. E, nessa época, tendo diante de si apenas o Antigo Testamento como Escritura, os cristãos não concluíram que já não precisavam dos dons do Espírito. Do mesmo modo, possuir a Lei de Moisés não levou os hebreus a extinguir as profecias nem a negar os milagres.

Atribuir aos coríntios a expectativa de um cânon futuro é, portanto, um anacronismo. Paulo não poderia estar consolando uma comunidade com a promessa de um conjunto de escritos cuja delimitação levaria séculos para se estabelecer, e que nenhum dos seus leitores conheceria.

4 A SUPOSTA CESSAÇÃO GRADUAL E O ARGUMENTO DA ERA APOSTÓLICA

O segundo grande argumento desloca o eixo da discussão do texto para a história. Segundo ele, os dons teriam desaparecido de forma gradual, acompanhando o fim da geração apostólica, por volta do ano 100 d.C. Antes de examiná-lo, convém registrar uma observação de Jack Deere a respeito da origem da doutrina:

> Ninguém jamais simplesmente pegou a Bíblia, começou a lê-la e então chegou à conclusão de que Deus não estava mais operando sinais e maravilhas e de que os dons do Espírito Santo haviam passado. A doutrina do cessacionismo não se originou de um estudo cuidadoso das Escrituras. A doutrina do cessacionismo originou-se da experiência. (Deere, 1993, p. 99, tradução nossa)

A observação é dura, mas metodologicamente pertinente: ela desloca a pergunta do terreno da polêmica para o da fundamentação. Se a cessação é doutrina bíblica, deve ser demonstrada a partir de textos; se é inferência a partir da ausência de experiência, então precisa ser apresentada como tal.

4.1 Os carismas nunca foram exclusividade apostólica

Conectar a manifestação dos dons à era apostólica é um erro, e podemos demonstrá-lo por meio do próprio texto bíblico. Em primeiro lugar, Atos dos Apóstolos deixa claro que os operadores de milagres, os que curavam, os profetas e os que falavam em línguas nunca estiveram restritos à atuação dos apóstolos. Ainda que estes tenham tido um ministério com

sinais abundantes de poder, em especial nos relatos de Pedro e de Paulo, diversos outros personagens que não pertenciam ao colégio apostólico manifestaram dons e sinais. Estêvão, que era um dos sete escolhidos para o serviço das mesas, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo (At 6.8). Filipe, também do grupo dos sete, realizou curas e expulsou espíritos imundos em Samaria (At 8.6-7). Ananias, descrito apenas como discípulo, foi o instrumento da cura da cegueira de Saulo (At 9.10-18). Ágabo profetizou em Antioquia e depois em Cesareia (At 11.28; 21.10-11), e as quatro filhas de Filipe profetizavam (At 21.9).

Em segundo lugar, quando houve o derramamento do Espírito, estavam presentes cerca de cento e vinte pessoas (At 1.15), ao passo que o grupo apostólico era de doze. Lucas informa que todas essas pessoas foram cheias do Espírito Santo (At 2.4). Ora, se não apenas os apóstolos receberam o Espírito como poder para o serviço e para a edificação pessoal, com sinais externos, por que motivo a morte do último apóstolo cessaria dons que nunca foram exclusividade apostólica? Qual a lógica disso?

Pedro, citando Joel, pregou dizendo: “E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne” (At 2.17a). A promessa não é dirigida a um grupo restrito, mas a “toda a carne”, e a continuação do texto explicita a amplitude do alcance: filhos e filhas, jovens e velhos, servos e servas.

4.2 O argumento da revelação especial

Alguns cessacionistas defendem que os dons desapareceram gradualmente ao longo da história da igreja, tese que a documentação histórica disponível sobre os carismas nos primeiros séculos não confirma[4]. Parte da argumentação afirma que, quando Deus concede uma nova revelação especial, emprega métodos extraordinários, como a profecia e as línguas, a fim de entregar essa revelação, e sinais extraordinários, como os milagres, para confirmar aqueles que devemos receber, profetas e apóstolos, como portadores inspirados dessa revelação. Robert Rothwell resume a posição nos seguintes termos:

> Quando Deus transmite nova revelação especial, ele emprega métodos extraordinários, tais como a profecia e as línguas, para entregar essa revelação, e sinais extraordinários, tais como os milagres, para confirmar aqueles que devemos receber — profetas e apóstolos — como seus portadores inspirados dessa revelação. Consequentemente, quando Deus não está concedendo nova revelação especial, ele não usa métodos e sinais extraordinários; antes, opera em e por meio da exposição de

[4] Para um levantamento da documentação sobre a manifestação dos carismas nos primeiros séculos, ver Kydd (1984).

> sua revelação especial (a Escritura), mediante mestres capacitados e presbíteros devidamente escolhidos. (Rothwell, 2020, tradução nossa)

É perceptível que esse argumento não é textual. Qual passagem da Escritura está sendo usada? Nenhuma. Trata-se de um argumento lógico que parte de um pressuposto cessacionista e chega à conclusão de que a Bíblia substitui os dons, ainda que a Bíblia não afirme isso em parte alguma. Argumenta-se que a ausência de profetas em determinados períodos da história, como o intervalo entre o Antigo e o Novo Testamento, indicaria que os milagres estão condicionados a uma revelação especial de Deus; e que, tendo nós agora a revelação final, nada mais seria necessário além de pregar a Escritura — ainda que a Escritura ensine a atualidade dos dons, o que coloca a tese em notória incoerência.

O argumento é falacioso também por outra razão: a ausência do registro de milagres em determinado período histórico não significa necessariamente ausência de milagres. Ora, se deixarmos de registrar a história por escrito, por áudio ou por vídeo, isso significa que ela não terá existido de fato? Argumentos construídos sobre o silêncio das fontes suportam, no máximo, conclusões provisórias, jamais uma doutrina.

Além disso, Deus nunca condicionou os milagres a uma nova etapa de sua revelação aos homens. Ao contrário, ao relacionar o derramamento do Espírito ao aspecto escatológico dos “últimos dias”, Pedro compreendeu esse período como aquele que se estende desde a sua pregação até o fim dos tempos.

4.3 “Nos últimos dias”: a moldura escatológica de Atos 2

O ponto é decisivo e merece ser acompanhado de perto. Quando Pedro explica os eventos de Atos 2, apela a Joel 2.28-32, profecia que descreve a obra de revestimento de poder do Espírito, com profecia, sonhos e visões. Douglas Oss observa a alteração introduzida na citação:

> A frase introdutória dessa profecia, “e, depois disso” (Jl 2.28), é alterada no sermão de Pedro para “nos últimos dias” (At 2.17), enfatizando assim a obra característica de poder pelo Espírito durante os “últimos dias”. A conclusão do sermão de Pedro (2.38,39), portanto, deve ser entendida à luz desse contexto, e não por meio de um contexto paulino importado. (Oss, 1996, p. 277, tradução nossa)

A modificação não é estilística. Ao substituir a fórmula temporal genérica de Joel pela expressão técnica “nos últimos dias”, Pedro situa o derramamento do Espírito dentro da era escatológica inaugurada pela ressurreição e pela exaltação de Cristo, era que se estende até a parusia. O dom do Espírito, com tudo o que o acompanha, é apresentado como característica

dessa era, e não como fenômeno transitório dentro dela. A promessa é explicitamente estendida aos que estão longe, “a quantos Deus nosso Senhor chamar” (At 2.39).

Se estamos na última hora, e no último minuto dos “últimos dias”, como cessariam os dons do Espírito? Sabem mais os teólogos cessacionistas do que Pedro e do que Lucas, autores da frase e do livro, respectivamente?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema enunciado na introdução era saber se os argumentos correntes em favor da cessação dos dons resistem ao exame das passagens que os sustentam. A análise realizada permite responder que não resistem, e por razões de natureza distinta em cada caso.

No que se refere a 1Coríntios 13.8-13, verificou-se que a identificação de “o que é perfeito” com o cânon concluído não se sustenta no encadeamento do capítulo, uma vez que os versículos 11 e 12 descrevem uma transformação do sujeito que conhece, e não a substituição de um meio de revelação por outro; que a mesma sentença que anuncia o fim das línguas e das profecias anuncia igualmente o fim da ciência, o que obrigaria os defensores dessa leitura a admitir consequências que eles próprios recusam; e que os intérpretes de maior peso da tradição não pentecostal, Barclay e Calvino, leem a passagem em chave escatológica, tal como o faz o exegeta pentecostal Gordon Fee. Vemos, assim, que mesmo entre os cessacionistas essa interpretação não é endossada por todos, nem pelos melhores dos seus teólogos. Da mesma forma, nós, pentecostais e carismáticos, temos interpretações ortodoxas e coerentes deste texto, ficando demonstrada aqui a total ineficácia daquele argumento.

No que se refere ao argumento da era apostólica, verificou-se que ele contraria o relato de Atos, no qual os carismas aparecem distribuídos muito além do colégio apostólico, e que sua versão mais elaborada, a que vincula os sinais extraordinários à concessão de nova revelação especial, não se apoia em texto algum da Escritura, além de depender de um argumento a partir do silêncio das fontes. A moldura de Atos 2.16-21, por sua vez, situa o derramamento do Espírito no interior de toda a era que antecede a consumação.

Cabe declarar os limites do estudo. A análise concentrou-se em duas passagens e em seis autores, o que deixa de fora textos regularmente invocados no debate, como Efésios 2.20, 2Coríntios 12.12 e Hebreus 2.3-4, cujo exame poderia matizar ou reforçar as conclusões aqui alcançadas. O artigo tampouco realizou levantamento histórico próprio sobre a presença dos carismas nos primeiros séculos, apoiando-se, nesse ponto, em afirmação de caráter geral.

Também não foram discutidos os abusos praticados em ambientes carismáticos, que constituem objeção recorrente e legítima, ainda que de natureza pastoral, e não exegética.

Desses limites decorre uma agenda. Seria proveitoso, em investigação futura, examinar o conjunto dos textos cessacionistas clássicos com o mesmo procedimento aqui adotado, isto é, confrontando a leitura corrente com a literatura produzida pela própria tradição que a sustenta; e realizar um levantamento documentado da presença dos carismas na literatura cristã dos três primeiros séculos, capaz de submeter a prova a tese do desaparecimento gradual.

O movimento pentecostal tem afirmado, desde o seu surgimento, que a manifestação do poder do Espírito Santo nos "últimos dias" permanece como realidade contínua da Igreja. Convictos, proclamamos a natureza carismática permanente da Igreja revestida pelo poder do Espírito.

REFERÊNCIAS

BARCLAY, William. *Comentario al Nuevo Testamento: Corintios*. v. 9. Tradução de Alberto Araujo. Barcelona: Editorial CLIE, 1997.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

CALVINO, João. *Comentário à Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios* [1546]. Tradução do latim para o inglês de John Pringle. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library. Disponível em: https://ccel.org/c/calvin/comment3/comm_vol39/htm/TOC.htm. Acesso em: 17 set. 2026.

DEERE, Jack. *Surprised by the Power of the Spirit*. Grand Rapids: Zondervan, 1993.

FEE, Gordon D. *1 Coríntios: comentários exegéticos*. São Paulo: Vida Nova, 2019.

KYDD, Ronald A. N. *Charismatic Gifts in the Early Church*. Peabody: Hendrickson, 1984.

OSS, Douglas A. A Pentecostal/Charismatic View. In: GRUDEM, Wayne A. (org.). *Are Miraculous Gifts for Today? Four Views*. Grand Rapids: Zondervan, 1996. p. 239-283.

ROTHWELL, Robert. Cessationism. *Tabletalk*. Sanford: Ligonier Ministries, abr. 2020. Disponível em: https://tabletalkmagazine.com/article/2020/04/cessationism/. Acesso em: 17 set. 2026.